

Jorge Nuno Pinto da Costa

Dos jesuítas para os relvados

É uma lenda de carne e osso. À beira de completar um quarto de século à frente do FC Porto, Pinto da Costa entra na galeria dos heróis. Mas pouco se sabia sobre os seus progenitores, os primeiros chutos na bola (como defesa central), o limitado sucesso nos estudos, o primeiro emprego, a entrada no FC Porto, e os êxitos no boxe e no hóquei em patins que lhe abriram a estrada do sucesso

Texto de **Ana Sofia Fonseca** e **Felícia Cabrita**

HÁ homens que fazem tudo para não riscarem uma linha no livro do mundo e morrem tranquilos na sombra protectora do esquecimento. Outros vivem de vitória em vitória, tornam-se lenda, pode-lhes até faltar um dia o poder mas nunca a História. É o caso de Jorge Nuno Pinto da Costa, um espécime da burguesia tradicional do Porto, que nasce com o futuro apro-

priado para uma vida normal e sem acidentes. Na sua longa caminhada ganhou tantos epítetos quantas são as facetas do seu carácter. Foi Pituca, nome mimoso aplicado pela mãe, Zuca Zuca Cinderela, alcunha granjeada num filme da Disney e, mais tarde, quando entende a heteronímia de Fernando Pessoa, adopta no colégio o nome do seu gato de pano, companheiro de infância, o Hilário.

À frente do Futebol Clube do Porto chamam-lhe o Papa. Não se ficou por aqui. Com o processo Apito Dourado alcançou os cognomes de Engenheiro Máximo, Número 1 e Chefe de Caixa. Tornou-se um homem temível, versão rigorosa de Dr. Jekyll e Mr. Hyde. Os amigos dizem que, pelo FC Porto, não olha a meios para atingir os fins.

Para ele, o futebol sempre falou →



Jorge Nuno
no Carnaval:
todos os irmãos
se mascaravam



Antes de completar um ano

mais alto do que a família ou a fortuna. Com as mulheres foi solícito. Dizem o melhor dele enquanto está, o pior quando parte. Atrás de si deixa um rasto de discussões e brigas, cenas canalhas. Tem compromissos sérios com Deus, acompanha-o um rosário de contas negro benzido pelo Papa. Porém, para defender os 'dragões', chega a ter colóquios com o Além. Inimigos não lhe faltam, mas evitam o confronto directo.

Maria Elisa nascera na segunda década do século XX, em casa de muita grandeza. Vinha de uma família burguesa e de prestígio do Porto. Eduardo Honório de Lima, seu avô, era senhor de fábricas de curtumes, de têxteis e de uma colecção de pintura verdadeiramente assombrosa. Entrara na história da cidade como mecenas. Descobre jovens artistas promissores e custeia-lhes os cursos em Paris. A sua casa em Cedofeita era um museu de arte. Quadros dos melhores naturalistas, desde Carlos Reis a Silva Porto, revestem as paredes dos corredores e salões do palacete. A colecção de Medina, então, era de fazer inveja ao melhor coleccionador ou pior mercantilista. Músicos, escritores e artistas plásticos conviviam num auditório que o bisavô de Jorge Nuno construira em casa.

O som dos concertos deve ter amenizado os primeiros anos de Maria Elisa, que nasceu com uma malformação congénita de anca que a fazia viver entre médicos e aias. Como a sorte precisa de madrinha, as febres do garrotinho também a apanham. O tifo varrera muita alma de Deus, ela escapa mas com mazelas. A família redobra cuidados e a menina espiga com o desvelo de duas *mademoiselles* que, com lições de piano e francês, a fazem esquecer a maleita.

A mãe, Maria Elisa, nascera na segunda década do século XX, numa casa de muita grandeza. Vinha de uma família burguesa e de prestígio do Porto



Mascarado de menina, no Carnaval de 1941

Muitos escondem-se na cave da calúnia, outros ficam sentados entre duas cadeiras sem emitirem nem boa nem má opinião. Talvez os assuste a sua vasta rede de informações.

Os progenitores

Fora um ano azougado, aquele de 1937. A Guerra Civil de Espanha deixa inquietos os portugueses. A comida escasseia e os franquistas, com o conluio de Salazar, varrem o nosso país à caça de refugiados políticos que são fuzilados mal passam a fronteira. Na casa da família Pinto da Costa as notícias que entram com *O Comércio do Porto* nada bulem com o quotidiano. A hora de Maria Elisa está quase a chegar. Mas a mulher anda na fona dos preparativos para o Natal, não despega o olho da criadagem e escolhe as melhores flores para que a capela receba com dignidade o grande acontecimento. Nem dá pelas moinhas do final da gravidez. O corpo, apesar de ter parido três filhos de enfiada, nunca se moldaria ao acto natural do nascimento, mas também nunca tinha dado nem daria à parteira motivo para conversas.

Entre música clássica, em que Ravel impera, e leituras românticas, faz-se mulher. Não se encaixa na beleza singular da época. Arrasta uma perna, que disfarça com o apoio de uma bengala de castão de prata, o que lhe dá o toque de personagem de Zola. Tem leituras e formação musical de relevo e aquilo que é defeito acaba por encantar o coração do mais lírico. É no Teatro S. João, comprado pelo avô Honório de Lima nos anos 20, que, no intervalo de uma ópera, conhece José Alexandrino Teixeira da Costa. O rapaz estava um nada abaixo dela na escadaria social, não nascera em casa de tanta grandeza, mas o pai tinha uma confeitaria com tradição na Foz. José Alexandrino, porém, não pensa em bolos: sonha com viagens empolgantes e faz cursos que lhe permitem romper as barreiras linguísticas em qualquer parte do mundo. Fala correntemente sete línguas, desde russo a esperanto. Tinha, portanto, um espírito errante de que era preciso desconfiar.

O nascimento

Em 1932, estava Maria Elisa com 19 anos e Alexandrino com 22, quando se unem. O



O som dos concertos deve ter amenizado os primeiros anos da mãe, que nascera com uma malformação congênita da anca que a fazia viver entre médicos e aias

casamento, à época, era uma espécie de ordenação, mas este não teria desenlace feliz. Os filhos, aliados da Igreja que consagram a união católica, nascem ano sim, ano não. Maria Elisa está quase no final da gravidez. Vive o estado como uma bênção, oculta o martírio que as mulheres geralmente ostentam nestas ocasiões, e não se afasta da vida social. A 22 de Dezembro de 1937, no S. João, passa a fita **Vida de Boémia**, com Maria Eggerth e Jan Kiepura. Na sua frisa, à boca do palco, Elisa desfruta a música de Puccini e Robert Stolz. Dois dias depois, na Coluna Elegante do *Comércio do Porto*, a sua presença é anotada: «No Teatro S. João, continuam a ser as noites de quartas as sessões preferidas da nossa sociedade para se reunir neste cinema. Anteontem lembramos ter visto a Sr^a. D. Maria Elisa Bessa Lima de Amorim Pinto».

Por esta altura, ainda não chegara a discórdia à vida do casal Pinto da Costa. Os filhos, o aço com que os católicos pensam soldar o matrimónio, continuam a nascer. Em 1937 morre o compositor Maurice Ravel, o embalo das mulheres do clã de Maria Elisa, que espera agora o quarto rebento.



As dores chegam três dias depois do Natal. A noite não lhe dá sossego. As contracções apertam madrugada fora, as criadas, na sua farda negra, cristinha na cabeça, parecem fantasmas saídos de um álbum maravilhoso. Pé-ante-pé, para não alarmar os meninos que dormem o sono dos justos, ➔

Com o bisavô e o irmão Eduardo;
e com os irmãos na praia de Leça
(em cima)



Com a mãe, a avó e os irmãos, no ano de 1944

deambulam, com panelas de água quente e panos de cambraia, da cozinha para o quarto da parturiente. Helena Teixeira, parteira da nata portuense, sempre assistira aos partos laboriosos da mulher. A deficiência na anca não ajudava nada à expulsão do bebê. Mas a mulher, muito perseverante na fé cristã, suporta a mortificação das carnes com dignidade. Não se lhe ouviu um ai

presa aos convênios da tradição, tenta salvar a relação com mais um filho, mas o marido está longe de partilhar esta exaltação. Chama-lhe mesmo nomes, a ela e à família: «Vocês são uns patifes, uns judas, gente sem dignidade nem vergonha nenhuma». Elisa sempre fora uma mulher grave mas espirituosa, capaz de grandes decisões. Mas a ideia de abrir guerra a um dos mandamentos que rege as relações das famílias católicas com Deus fá-la vacilar. Faz ouvidos moucos à loucura que a apoquentava e refugia-se nas orações que, mesmo para almas menos beatas, são sempre uma consolação.

Em 1940, está de novo grávida. Por ordem cronológica, o casal engrossara o agregado familiar com cinco filhos, mas nem este último aliado de Cristo impediria a separação que já corria no tribunal da Comarca do Porto. Na família de Maria Elisa o orgulho era a razão de viver: Um divórcio, nesta época, era um caso público que podia acabar com o seu prestígio local. Salva-a a fama dos seus bons costumes. Os meninos são muito pequenos, crescem nas saias da mãe, titular de um grande enigma. No dia seguinte à separação veste-se de negro e nunca mais naquela casa se falará no nome de José Alexandrino nem nas razões da de-

'Nunca me contaram o motivo da separação nem se falava nisso, mas identifico-me com os dois: o lado conservador da minha mãe e a procura de liberdade do meu pai'



Em criança era dócil e gostava de contribuir com muitos beijos para a felicidade da mãe

quando Jorge Nuno Pinto da Costa, com três quilos e duzentos gramas – e um grito que era mais um alerta a soçobrar da goela – decide nascer. Foi no dia dos Santos Inocentes, precisamente às seis da manhã.

A separação dos pais

Jorge Nuno dá os primeiros passos no ano em que o FC Porto se sagra campeão. Talvez esse acontecimento, pelos caminhos sempre ínvios que são os da futurologia, tivesse influenciado nas decisões que tomaria na vida. Certo, certinho, é que era uma criança irrequieta, sempre esfaimada, parecendo ter pressa em fazer-se ao mundo. Elisa não tem leite para amamentar e importa da Suíça latas a granel de Dryco. Mas o pequeno esgota o leite em pó em dois fôlegos. Torna-se uma bela criança, versão extemporânea do bebê Nestlé, cheio de refegos, a quem os caracóis negros sempre emproados dão um porte digno. Era dócil e gostava de contribuir com muitos beijos para a felicidade da mãe, que começara a andar tristonha. O capítulo romântico do enlace entre Maria Elisa e José Alexandrino ia na última página. Ela,

savença. O homem fica proibido de pisar o palacete, mas as relações entre pai e filhos são civilizadas.

Fins-de-semana com o pai

Jorge Nuno pela-se pelo fim-de-semana para visitar o pai, que nunca voltaria a casar-se e vive agora em casa da mãe, conseguindo finalmente fazer o que gosta: viajar. Mantém-se à frente da confeitaria mas sempre que a Agência Abreu, encantada com o poliglota, o convida para acompanhar grupos *vipes* ao estrangeiro, não hesita.

Aos sábados, de manhãzinha, a criança da Pinto da Costa atropela-se, em grande alvoroço, para entrar no Chrysler e, devidamente acompanhada pelo *chauffeur* Bernardino, fardado a rigor, ruma à casa da avó paterna. Era um consolo para o petiz, que tinha o coração dividido entre os progenitores: «Nunca me contaram o motivo da separação nem se falava nisso, mas identifico-me com os dois. O lado conservador da minha mãe e a procura de liberdade do meu pai».

Jorge Nuno está com quatro anos. Afoga a

ausência do pai na ninhada de gatos de pano que enchem o seu quarto. Hilário, um macho branco e façanhudo de olhitos melosos, foi o seu primeiro amigo. A convivência é tanta que, para confortar o menino, o bicho até parece ter ganhado voz. Mal aprende a escrever, Jorge Nuno, sempre que se ausenta, escreve-lhe bilhetinhos: «**Meu querido Hilário pede à tua avó e vem no domingo. Estou com muitas saudades tuas. Gostaste de andar de bicicleta comigo?**».

Elisa é muito cumpridora dos seus deveres religiosos. Em casa, antes da hora da deita, todas as noites se reza o terço na capela. E aos domingos não falham a missa. Padres e cardeais ceiam frequentemente com a família. O preferido de Jorge Nuno é o frade franciscano João Diogo Crespo, que viria a ser director da *Flama*. O rapaz já denunciava as suas preferências pouco ortodoxas: «**Ele organizava concursos de rádio e apresentava espectáculos vestido de frade e a fumar. Era um escândalo, eu adorava-o**».

A descoberta do divino

Jorge Nuno espiga, no colégio Almeida Garrett faz a primária. As preceptoras da mãe dão-lhe lições de francês e inglês. Os estudos ainda lhe correm de feição. Aos oito anos faz uma descoberta que o acom-



'Querida mãezinha, chegámos e fizemos boa viagem. A Nossa Senhora Peregrina não está cá. Já tirei duas fotografias que, escusado será dizer, estão óptimas'

panhará ao longo da vida – e algumas vezes o salvará da morte. Pelo menos assim o crê. Alice Bessa Lima Amorim Pinto, avó materna, filha de Honório de Lima, leva-o a Fátima. O Chrysler, um carro de estalo com várias filas de bancos e lugar para 10 pessoas, tem marcha lenta. Três horas de más estradas, curvas e contracurvas provocam enjoos e voltas na tripa. Mas a avó Alice nada descuida. Para Jorge Nuno foi tamanha a animação que, de imediato, fez o relato por escrito à mãe: «**Querida mãezinha, chegámos e fizemos boa viagem. Parámos às 16h30 para lanchar e a vovó fez chichi no pote. A Nossa Senhora Peregrina não está cá. Já tirei duas fotografias que, escusado será dizer, estão óptimas**».

Na Cova da Iria, onde a Virgem espantou os pastorinhos, fica agora a capela das Aparições. Jorge Nuno tem o seu primeiro encontro com o divino, quase um pacto de pele: «**Não era nada do que é hoje, havia a capela e pouco mais. Tive uma sensação de grande serenidade, a imagem da Nossa Senhora tocou-me muito e sempre me encomendei a ela. Mais tarde tive dois**



Em cima, com os irmãos: Eduarda, António Manuel, Jorge Nuno, Maria Alice e José Eduardo, em 1945; e, em baixo, quando tinha dois anos e meio

acidentes, pensei que morria e foi a ela que agradeço».

Tinha apenas oito anos. É nesta fase que as linhas que bordariam o seu futuro se encontram numa espécie de compromisso. Os sonhos das crianças têm a força dos vendavais. Em plena II Guerra Mundial, Portugal participa no torneio de hóquei de Montreux. A partida Portugal-Itália faz parar o país. É domingo de Páscoa, a família Bessa Amorim delicia-se com o peru enquanto segue o relato pela telefonia. O pequeno revela a sua natureza, já muito

No colégio de jesuítas, em 1951, na terceira fila a contar de cima, ligeiramente à esquerda (na foto) do padre



Jorge Nuno está mais para lá do que para cá. Esperam-no quatro meses de cama o que, para o seu género festivo, é uma tortura. Salvam-no os pratos da cozinheira

afeiçoada aos grandes desafios. A avó Alice toma por suas as razões do pequeno e, como é muito devota, mistura a coisa mundana com a religiosa e faz uma prece: «**O Santo António mostra se és português ou italiano!**». E o padroeiro dos namorados intervém. Portugal vence por uma unha negra. Jorge Nuno, muito reclamador das obrigações dos santos junto dos crentes, agradece-lhe o trabalho: «**Fiquei com a certeza de que o santo era português**».

O encontro com o futebol

Mas o maior sinal chega-lhe pela mão do irmão da mãe, Armando Bessa Lima Amorim Pinto que, com a morte de Honório de Lima, gere os negócios da família. Apesar de não ser muito apropriado à sua condição social, tem a cabeça quase por inteiro no mundo do futebol. Fora presidente do Famalicão, cargo que assumira com uma condição, que Pinto da Costa recorda: «**Fez o que eu nunca fui capaz de fazer: um acordo escrito em que só ficava no cargo até o clube chegar à primeira divisão**».

Aos domingos, a família reúne-se na igreja da Lapa. Segue-se almoço na casa da avó Alice. Mas Jorge Nuno, em conluio com o tio, arranja por vezes pretexto para se escapar, comendo ambos tripas em casa dele. À refeição, a conversa não foge ao tema do costume. O tio envolve-o cada vez mais nos meandros e na mística do futebol. As caras de cartaz eram, à época, Barrigana, o guarda-redes das 'mãos de ferro', o também internacional Araújo e o grande Ângelo.

Um domingo sai-lhe a taluda. O Porto joga no campo da Constituição contra o Sporting de Braga. O tio Armando custeia os bilhetes de Jorge Nuno e do mano mais velho, José Eduardo, que viria a ser director do Instituto de Medicina Legal da Invicta. Como não são sócios, ficam no peão atrás de uma baliza. Ora Jorge Nuno não tem mais do que um metro de gente. Com a ânsia das crianças que temem sempre perder algo a favor dos adultos, ele e o irmão são os primeiros a chegar. Mas, quando se enche o peão, ficam esmagados entre a fila da frente e a de trás. À multidão, que um dia haveria de o levar às costas, o jovem Pinto da Costa sente uma imensa alergia. Para mais, o FC Porto vai no quinto golo mas ele só conseguiu ver os remates disparados por cima da baliza. Implora ao irmão que o tire dali – porém este, quatro anos mais velho, com o res-

peito que a idade lhe confere, cala-o com a voz da razão: «**Olha, era pior se estivéssemos a perder e tu a veres**».

A doença

O rapazinho ganha personalidade, é divertido como um duende e enche a casa de alegria. Mas nesse ano perde o sorriso. Findava Dezembro com um frio de rachar. Uma festa de aniversário na casa de uns primos animava o petiz. Os adultos, confiantes na criadagem, esquecem-se da criançada que macaqueia toda a tarde ao toque da chuva e das baixas temperaturas. Foi nesse dia agoirento que Jorge Nuno se cruzou com Manuela Carmona Graça, aquela que viria a ser a sua primeira mulher. Ela estava de vestidinho cor-de-rosa e tinha uns olhos azuis como só os celtas carregam. Na quinta do industrial, em Famalicão, eram frequentes os convívios com a família Carmona, parente do marechal Carmona.

A noite começava a cair e o desfecho do aniversário já se anunciava nos rostos encar-

nados da miudagem. Na manhã seguinte estão de cama com febrões indomáveis. A penicilina ainda não fora descoberta e, três dias depois, morre de pneumonia o irmão do aniversariante. O terror instala-se nas famílias. Jorge Nuno está mais para lá do que para cá, mas as defesas do rapaz ficam de alerta, uma constante na sua vida, e vai recuperando. Esperam-no quatro meses de cama o que, para o seu género festivo, é uma tortura. Salvam-no os pratos de Maria Afonso, a cozinheira da casa. O petiz pela-se por arroz de frango com ovos escalfados e, durante aqueles meses, a ementa pouco ou nada varia. Dedica-se a leituras, devora a obra da Condessa de Ségur e os contos de Hans Christian Andersen. À beira da sua cama, a cozinheira que não sabe ler delicia-se com as histórias que ele, com muita postura linguística, narra. Talvez tivesse começado aí o seu treino para a coisa pública, mas seguro mesmo é que já gostava de se ouvir: «Li uns trinta livros de enfiada e a Maria Afonso sempre muito atenta».

O colégio dos jesuítas

Hitler era finalmente vencido, as ruas apinhavam-se com festejos. Jorge Nuno começa a sua guerra. Está com 10 anos e guia de marcha para o Instituto Nun'Álvares, em Santo Tirso. Mais conhecido por Colégio das Caldinhas, é onde, debaixo da asa curta dos jesuítas, se educam os meninos das melhores famílias. Fica numa enorme quinta toda murada. À noite, vigias armados de caçadeira dissuadem estudantes com afã de liberdade. As camaratas têm camas para 60

domingo para que tu me possas valer».

O frio por aquelas bandas é tão agraciado como o demo. As mãos de Pituca fazem chaga com as frieiras. Não há meio de se habituar à vida rigorosa das Caldinhas – e com a mãe, com quem tem uma relação quase poética, redobra o queixume: «O Senhor padre subdirector disse ao pequeno-almoço que não se podia ter nada. Eu ao deitar-me

Quando as luzes das camaratas se apagam, Jorge Nuno, num leitozinho de ferro, dá voltas como São Lourenço na fogueira. As missivas para a mãe são pungentes

alunos. Quando as luzes se apagam, Jorge Nuno, num leitozinho de ferro, dá voltas como São Lourenço na fogueira. As missivas para a mãe são pungentes. Os alunos mais velhos, os da 5.ª divisão, esquecem o tédio com os caloiros e Pituca (assim assina agora a correspondência) lamurija-se: «Querida mãezinha, tu não calculas o que são treze em cima de mim. Se eu estou com a mão na cabeça no estudo, na aula, no recreio ou na capela são uns escroques. Se eu não tenho negras nos braços, negras nas pernas é por milagre! (...) Antes Nosso Senhor me leve para o céu do que prejuízos ou infelicidades na vida. Ai mãezinha até

ia a puxar a botija e depois é que me lembrei. A cama é muito dura mas lá chorei quanto quis que ao menos ninguém via».

Os jesuítas, formadores da elite, conduzem a disciplina no colégio com mão de ferro. A alvorada toca às seis e meia, os rapazes, num lavatório de esmalte com água gelada, lavam-se à gato. Dirigem-se para a capela em silêncio, o começo do dia é marcado pela missa. Entre as aulas e as horas de estudo pouco tempo fica para a brincadeira. Os guias espirituais dos alunos aconselham privações da carne, mas fotos de nus circulam entre os mais velhos. Jorge Nuno, nos primeiros dois anos, desenrasca-se bem. ➔

Caldas de Saúde, 5. DEZ. 1949.

NOTAS SEMANAIS

do Sr. Jorge Nuno da Carta Nº 115

Comportamento na Divisão: 12

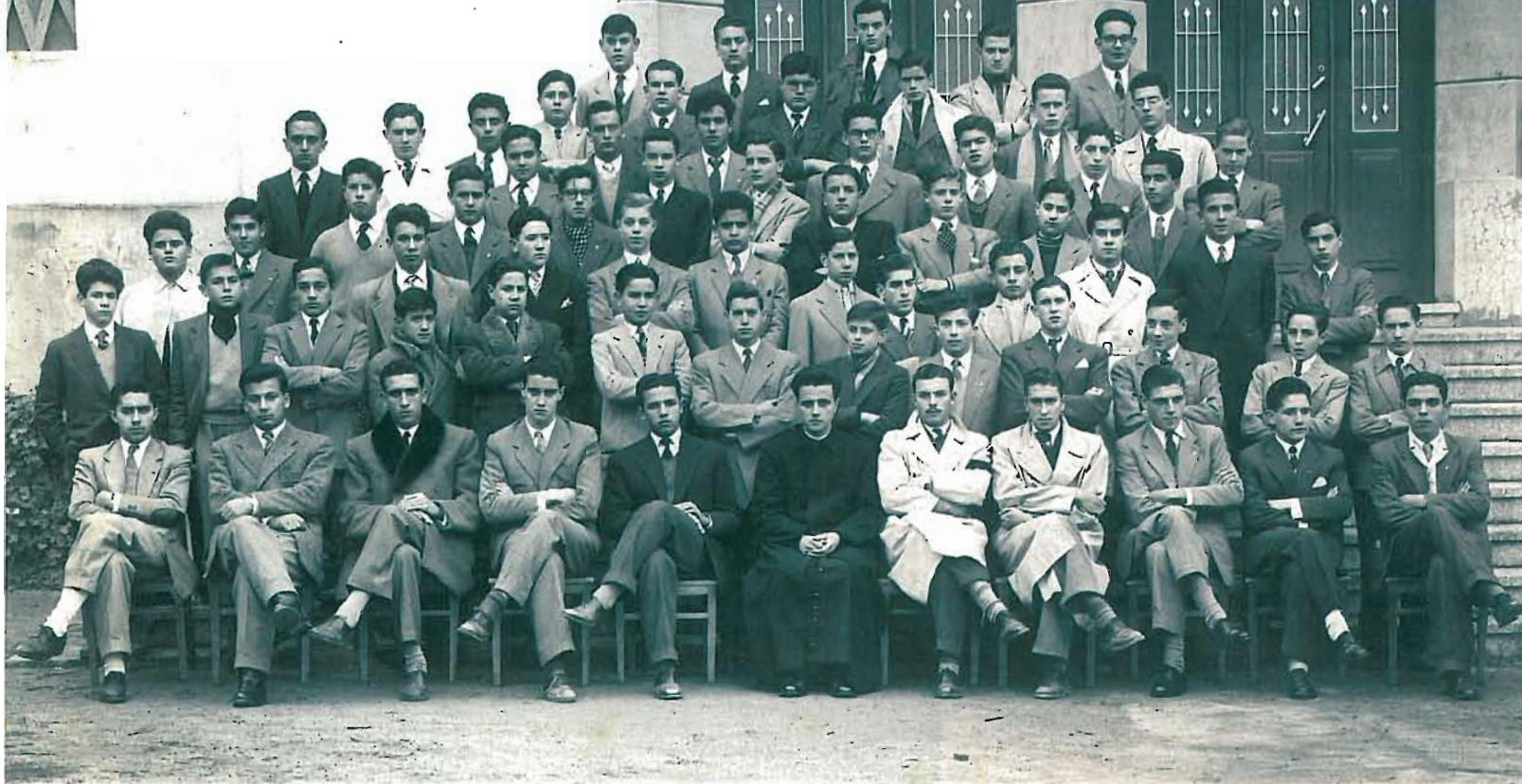
Religioso 20.
Disciplinar 19.
Civil 22.
Aplicação 22.

	C.	O.	E.
Religião	12	10	8
Filosofia	14	10	8
Latim	16	14	
Português			
Francês			
Inglês	15	7	7
Alemão			
Matemática	13	10	
Física e Química			
Ciências			
História			
Geografia	11	8	
Organização Política			
Desenho			
Canto Coral			
Ginástica			

N. D. C = Comportamento; O = Oral; E = Escrita
0-4: mau; 5-9: medíocre; 10-13: suficiente;
14-15: bom; 16-20: muito bom.

Na companhia da avó Alice, e boletim do colégio das Caldinhas, com as notas numa semana de 1949: exemplar em comportamento (C), bom na oralidade (O) e mau na escrita (E)

Na fila de baixo, (na foto)
o segundo à esquerda do padre



'Nunca falava do pai, todos partíamos do princípio de que era órfão', revela Pinto de Sousa que acrescenta: 'Ele era imparável, andava sempre todo esmurrado e com ligaduras'

É barra a português, mas atinge a pontuação máxima no francês, com uma pronúncia bem vincada, obra da mestra francesa. Nas aulas de música aprende sem dificuldade o solfejo e as escalas de Czern. Preparara-se com a mãe, honesta pianista, e com a avó Alice, com quem decorara muitas óperas.

Vencida a etapa infantil, preenche-o um desejo de liquidação de todos os obstáculos. O colégio tem cinco campos de futebol. Deles faz Jorge Nuno palco para fugir às saudades. Pinto de Sousa, que chegaria a presidente da Liga de Árbitros e é também arguido no processo Apito Dourado, era rebento de uma excelente família que se instalara no Porto com uma fábrica de borrachas. Nos dois rapazes cresce a mesma paixão pelo futebol: **«Ele era imparável, andava sempre todo esmurrado e com ligaduras»**, lembra Pinto de Sousa, que às vezes apanha o colega triste, meditando: **«Ele nunca falava do pai, todos partíamos do princípio de que era órfão»**.

Os divertimentos

Maria Elisa faz todas as vontades ao filho.

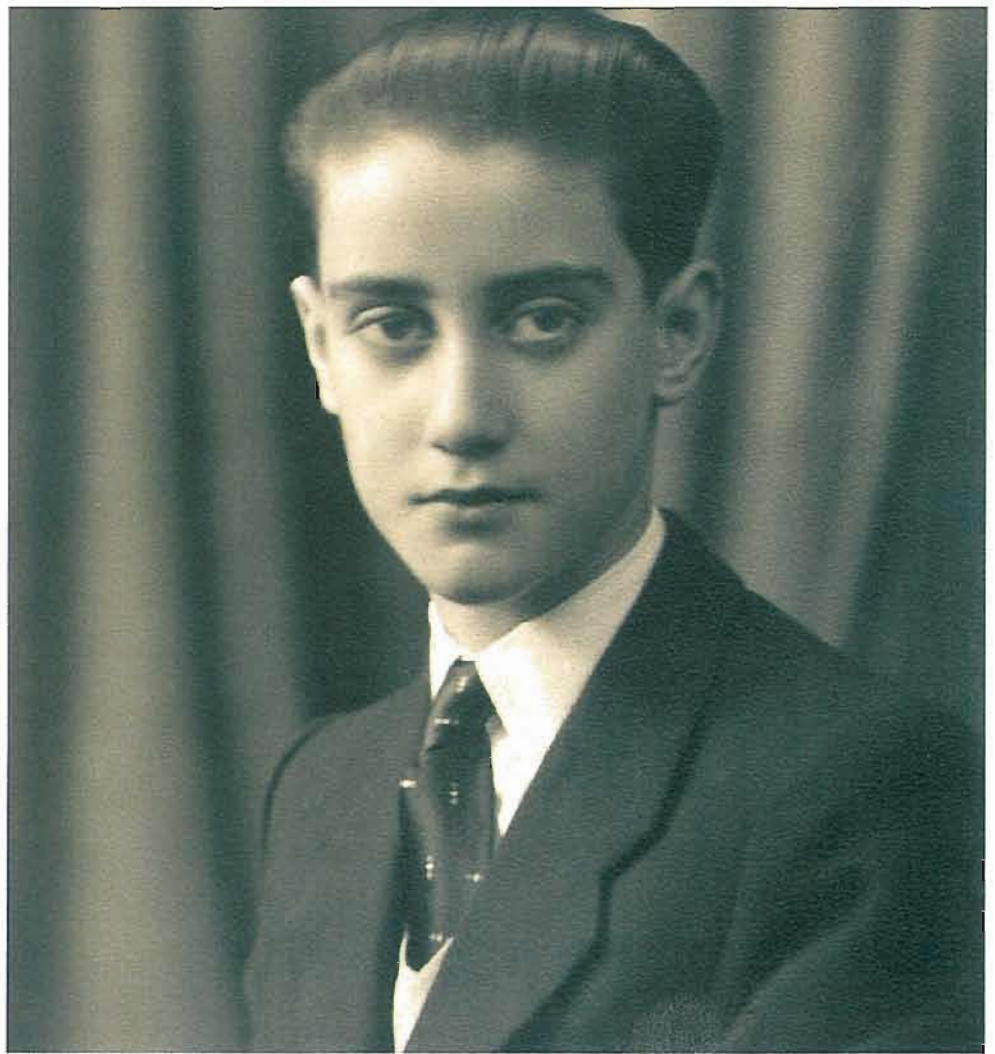
Entre os santinhos que o rapaz encomenda, chegam-lhe as revistas desportivas, entre elas a *Stadium*, e os resultados dos jogos. E torna-se um craque. Toda a sua inteligência se concentra agora no futebol, desafia o frio vestindo logo pela manhã calções e chuteiras. Alberto Cordeiro, defesa esquerdo mais conhecido por Zé da Pastilha, mercê do pontapé forte que muitos estragos fizera a guarda-redes desprevenidos, esboça as qualidades do parceiro: **«Eu gostava mais de jogar do que ele, que era mais um pensador do futebol»**. Tornara-se um rapaz desenhado e muito alto, o que dava jeito para defesa central. Chamam-lhe 'O Grandalhão'. Chega a repórter desportivo e na revista do colégio assina os relatos dos jogos. Uma das partidas foi memorável. Do lado do Pituca fazem equipa Pinto de Sousa e Zé da Pastilha. As claques animam ao primeiro pontapé à baliza do defesa esquerdo. Mas o adversário recupera, mete golo. Logo a seguir Pinto de Sousa, depois de fintar Teixeira, atira sem defesa à baliza adversária. Segue-se novo golo da outra equipa. A claque delira, o encontro está renhido. E eis que chega a melhor fase do jogo, com vá-

rios golos seguidos. Jorge Nuno regista na sua crónica o acontecimento: «**O primeiro golo da série foi obra de Pinto da Costa com um remate 'medonho' de fora da grande área. Modéstia à parte**».

A paixão pelo FC Porto passara da mania para o estado lírico das paixões. Quando as férias grandes chegam, para não perder nada durante a viagem de regresso à Invicta, faz sempre o mesmo pedido à mãe: «**Querida mãezinha vem no Chrysler para se ouvir o relato do Porto**». No primeiro dia de férias, encontra-se com os melhores amigos do colégio. Enfardam bolas de Berlim e jesuítas na confeitaria Arcada e seguem para o S. João, onde Jorge Nuno tem camarote. O antigo teatro entrara em decadência, já por lá não passavam as óperas e as peças francesas que o tinham distinguido. Pinto de Sousa deliciava-se com o entretenimento: «**O teatro era dele, de maneira que víamos os filmes que queríamos**».

A descoberta das mulheres

Estavam na idade de descobrir as intimidades das mulheres. Muitas vezes eram os próprios pais que, preocupados com a honra das meninas-família, mandavam os *chauffeurs* dar um giro com os adolescen-



Ao contrário dos amigos, que se iniciaram nos prazeres carnais em bordéis, Pinto da Costa é peremptório: 'Garanto-vos que não foi aí que me inicie'

tes. Aurora, uma operária conserveira que fizera as delícias do conde de Leça, continua na moda. Mas a preferida da malta era a célebre Micas da Boa, na Rua de Camões. O velhote manco nunca saía da porta e abria-a aos debutantes. Tratava todos por engenheiros. Joaquim Faria de Almeida, ex-secretário de Estado, não esquece esses tempos: «**Mal entrávamos, o velhote dizia: 'Ó meninos, está aí uma coisinha nova que veio da França e que é do outro mundo'**».

Do outro mundo era também o custo: «**Era muito caro, cem paus, o preço da semanada de um chefe de família. Mas as meninas desfilavam e tudo**», conta Faria de Almeida, de sorriso arregalado. Jorge Nuno, pelos vistos, tinha o vício noutra morada, porque nenhum deles se recorda de o ver por lá. O próprio é peremptório: «**Garanto-vos que não foi aí que me inicie**».

Na verdade, era no FCP que Jorge Nuno tirava a barriga de misérias, não perdendo um treino. Agosto é mês de praia. Todos os dias, pela manhã, a família chega a Leça da Palmeira num enorme carro com tecto de abrir de vinil. Apoiada pelo motorista, Maria Elisa desce com os seus pintainhos.

Para quem está na praia, é um espectáculo inusitado. Parece que o mar revoltoso se cala. A barraca dupla, de listas brancas e azuis, da família Bessa Lima, destaca-se de todas as outras – tem até uma divisão para se mudar de roupa. À tarde, pela hora do lanche, o motorista volta com duas criadas que carregam cestinhos cheios de iguarias. Baixam o toldo e por ali repastam, sob o olhar curioso dos veraneantes.

Os romances

Jorge Nuno está na fase das grandes descobertas platónicas. Apesar da sua educação tradicional e até intransigente, não resiste às beldades que dão graça à praia. Helena Moreira, herdeira das melhores famílias de Famalicão, causava brado. De início, o portuense dispara em todas as direcções. «**Ele era muito chatinho, não largava as raparigas enquanto elas não lhe dessem a morada para lhes escrever**», recorda o primeiro enlevo de Pituca. Foi no jogo da babona que a inclinação para a rapariga deu que falar. Cavalheiros e donzelas faziam roda na praia, um anel passava de mão em mão, enquanto o que ficava no meio es- ➔



'Ele era muito chatinho, não largava as raparigas enquanto elas não lhe dessem a morada para lhes escrever', recorda o seu primeiro enlevo

preitava a sorte. Jorge Nuno aproveitava a roda para se colocar ao lado de Helena. As vezes jovens trauteavam uma canção popular: 'Babona que estás no meio, ó babona/ estás sendo uma toleirona ó babona/ tás a ver o anel passar, ó babona / sem nunca o poderes achar, ó babona'. Quem estava no meio, se tivesse a sorte de encontrar a aliança, merecia um beijo da moça. A Jorge Nuno, que exagerava o embevecimento, nunca calhou. Ainda não tem fôlego para tamanha prenda. Recorda: «Era muito tímido, não tinha perna para esse salto e o charme só chegou depois».

As aulas retomam e Jorge Nuno regressa à disciplina, mas apenas para a subverter. O alvoroço que lhe desarruma o coração e a crescente obsessão pelo futebol tiram-lhe os estudos da ideia. Com Helena troca correspondência assídua e peremptória. Anda agora de relações com António Nobre, com o febril Teixeira de Pascoaes e, entre a poesia dos ditos e a verborreia de Eça de Queirós, mata o cerebelo da rapariga com resmas de pá-

ginas: «Já tinha muito humor, escrevia-me cartas muito bonitas, mas contava tudo ao pormenor, era de mais. Com estas e outras quase me conquistou».

O mau comportamento

Já era moço de grandes empreitadas, mesmo para desfeitear as suas convicções mais profundas. Começa a sua cruzada contra os jesuítas. Logo ao pequeno-almoço, transforma a colher do café com leite num canhão de encher pela boca e com um naco de manteiga atinge os padres em pleno rosto. Desde aí, passa a escudar-se numa curta frase: «Foi sem querer, eram tudo brincadeiras inocentes». Tantas faz que, um dia, a mãe, apesar da intimidade com os jesuítas, é chamada. Acompanha-a a avó Alice, desde sempre o anjo da guarda do pintainho. A anciã mede de alto a baixo a eclesiástica figura e chama à parte Maria Elisa: «Não gosto nada dele. Não gosto de homens que não olham de frente». E a outra, sempre com o pé do lado da Igreja, tenta defender o seguidor de Cristo: «Ó mãe, mas ele é estrábico!». E a senhora, a quem a fé não rou-

bara grão do seu carácter espirituoso, parodia a Bíblia: «Se é estrábico, é porque Deus o marcou».

Corre o ano de 1955. Jorge Nuno, com 17 anos, ainda está no quinto ano do liceu, tem um chumbo à perna e vai a caminho de um novo, quando é expulso das Caldinhas. Não estava à mão de qualquer um este galardão. Certo é que ganha nome entre os colegas. Os mitos abrem avenidas à especulação. Correu de tudo: que tinha despejado um penico na cabeça de um padre, até ao descrédito de um perfeito em público. Na verdade, o espinho de Jorge Nuno era o padre Domingues – na caserna, o Tobicas. O homem, verdade seja, tinha esfarapado o traço da simpatia humana. Ganhara nome entre os internos por uma maldade que distinguia a sua tortura: sempre que puxava as orelhas a um prevaricador, escarafunchava a unha na cartilagem até golfar sangue.

Jorge Nuno, um anarco-cristão, participava em todas as comunas. Do futebol ao andebol e ao hóquei desgasta o corpo para esquecer o espartilho da instituição. Ganhara muita lábia e no teatro também dá trunfos. Numa peça representada na casa do povo de Santo Tirso é um dos protagonistas. Na plateia impera o padre Domingues. Pinto de Sousa faz de ponto e não

esquece a comédia: «Ele fazia de patrão, mas a dada altura sai do texto e, em vez de dizer o nome de quem com ele contracena, troca-o propositadamente, por Tobicas». A sala do teatro quase desabou com a força da gargalhada, o padre era alvo da chacota geral.

O clero reúne-se e Jorge Nuno é expulso. Hoje, o padre Manuel Belo salva a honra do convento: «A expulsão era uma coisa rara, foi um acontecimento infeliz, e ele, que tinha já uma personalidade muito marcada, não se deixou amachucar». E assim, para acertar o passo que lhe estava destinado de berço, marchou de castigo para o colégio de Lamego.

A veia poética

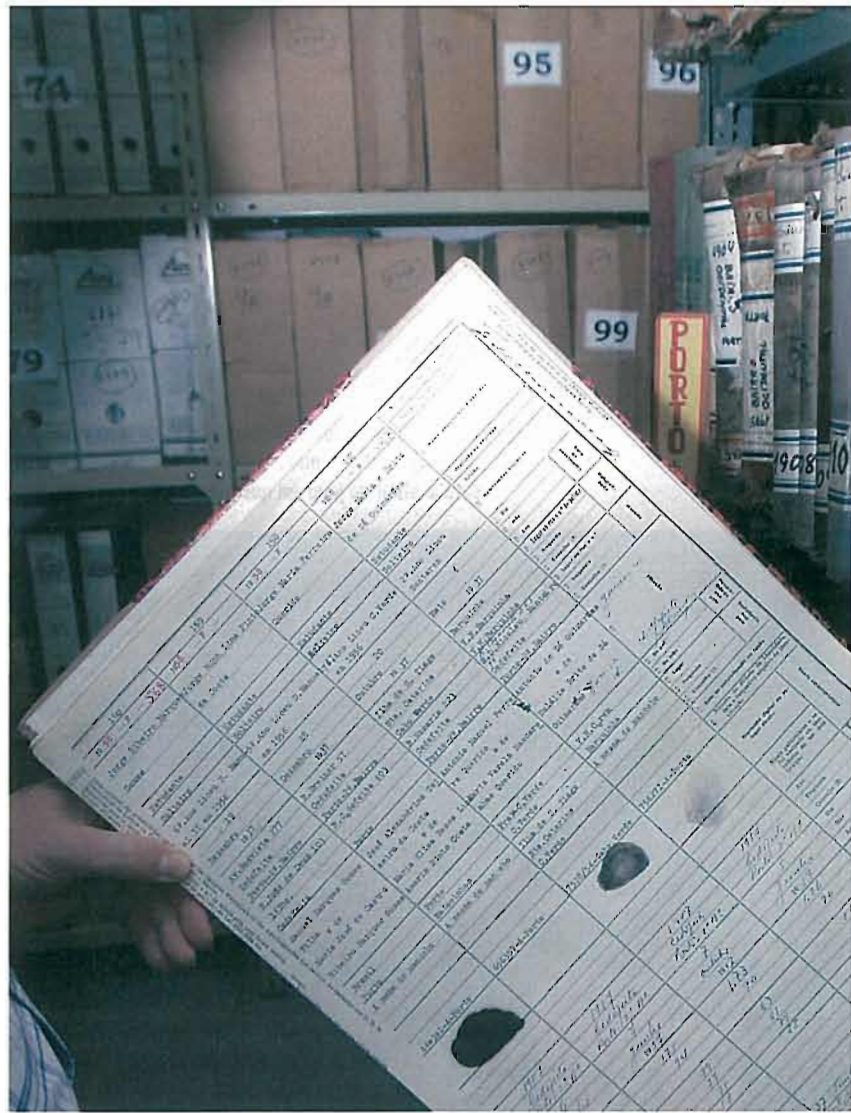
Esse ano de 1956 apanha-o com más surpresas. A avó Alice, sua grande defensora, que aos 16 anos lhe dera como presente de aniversário o cartão de sócio do FC Porto, morre. Por um curto espaço de tempo Jorge Nuno arrepende-se da forma desmazelada como até aí conduziu os estudos.

Precisa do ombro da mãe: «Fui andando dias para trás, recordei a conversa de anteontem à noite, revivi angustiado a súbita morte da avó, relembrei a minha vinda para aqui, sem me poder esquecer da despedida da vovó à porta da capela, que mais não foi, nem podia ser, do que chorar, e senti-me triste, só...».

Fausto Gentil, hoje médico, nado e criado em Lamego, é dos poucos amigos que faz. Na sua lembrança ficam gravadas algumas das suas facetas: «Aquele colégio era para os meninos maus das famílias boas. Ele era muito popular, sempre bem disposto e com um humor fino e sarcástico». A cabeça é que não atinava com os estudos, talvez porque estivesse já organizada para outra realidade.

A disciplina no colégio é muito apertada, passa os fins-de-semana em Lamego, sem ver um treino do Porto. Aos domingos, o coração dispara. Na casa do amigo Fausto vê as partidas. Um belo dia joga o Porto, que andava pelas ruas da amargura, mas desta sai vitorioso. E o colega recorda: «Ele chorava, chorava copiosamente».

Com mais um chumbo à vista, a mãe, que tanto rezara ao Espírito Santo para que o ajudasse nos exames, manda-o vir para se propor a exame numa escola oficial. Foi uma festa – até porque o rapaz, estivesse



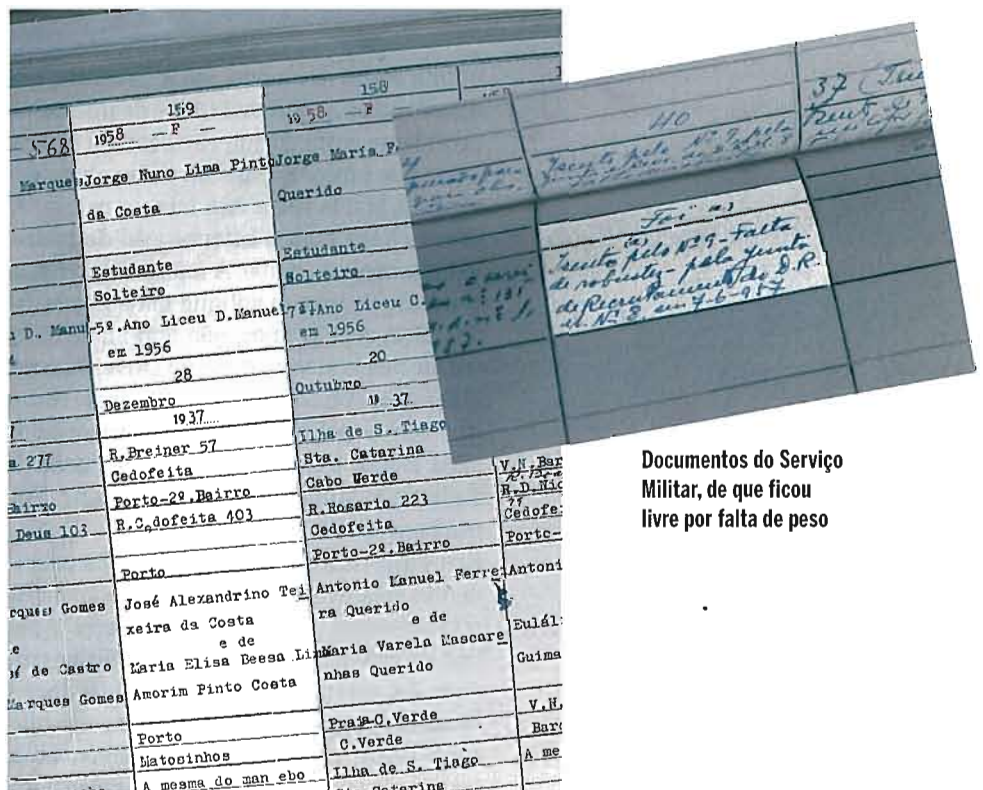
‘Com o meu peso e altura iria parar à Marinha. O médico aconselha-me: só te safas se emagreceres 17 quilos. E a verdade é que, com dieta e diuréticos, cheguei aos 58 quilos’

onde estivesse, tinha sempre o coração em Maria Elisa. Nunca a esquece, é quase uma devoção. Com ela treina a veia poética.

A 15 de Maio de 1957 festeja-se o quadragésimo quarto aniversário da mãe. Pituca, obedecendo à lógica pessoana, envia-lhe um poema. Assina com o nome de Hilária Pinto da Costa, irmã do seu gato de pano Hilário – mas, num golpe de humor, dá o nome do ‘dactilógrafo’: «Por incapacidade física do autor tiveram de ser escritos por seu Ex.mo pai, Dr. Pituca».

Os versos, obedientes na métrica, revelam o poeta: ‘E para este dia festejar/ cá está a sua linda netinha/ Aqui à espera, para lhe entregar/ Uma muito simples lembrancinha (...)/ É aqui neste lindo embrulho/ que o meu fraco presente está./ Mas não! Não faça tanto barulho/ Que não sou eu/ é o meu pai que lho dá!’.

O rapaz, num esforço para agradar, vai concluir o liceu no Almeida Garrett. Tenta conciliar os estudos com a paixão pelo futebol, o que o leva a exigir a si próprio habilidade. Sempre que passa fins-de-semana na →



Documentos do Serviço Militar, de que ficou livre por falta de peso

Numa viagem a Torres Vedras, em 22 de Março de 1959, com nove amigos que seguiram todos no mesmo carro, para assistir ao jogo em que o Porto se sagrou campeão



o Infesta e não havia transporte nem dinheiro para a gasolina para irem ao encontro com Edson de Magalhães, o presidente do clube leixonense. António Oliveira faz um *flash-back*: «Ele convenceu o irmão mais velho a ceder-lhe a viatura e fomos os dois regatear com o presidente».

A dispensa da tropa

Foi nesta idade que Jorge Nuno experimentou as inquietações da primeira paixão. Para trás ficava Helena Moreira, a amiga dos brandos amores. Nas férias grandes, na quinta do tio Armando, volta a ver Manuela Carmona, a menina de vestidinho cor-de-rosa e olhos celtas que com ele apanhara pneumonia num aniversário nos anos quarenta. O *flash* foi mútuo: o rapaz abria pela primeira vez atalhos numa alma feminina. «Pedi-me namoro por carta, escrevia muito bem e conquistou-me com a poesia», recorda ela. Pituca assenta o coração, tem o arrebatamento próprio da idade e da educação e, num poema, partilha com a mãe os seus sentimentos: «Espero que dentro de alguns anos/ Serão satisfeitos todos os meus planos!/ Então fundarei um lar, pleno de amor/ No qual nunca se saberá o que é a dor/ E em que sempre unidos, eu e ela/ Nós dois, eu e a querida Manuela/ sejamos sempre inteiramente felizes/ Rodeados de muitos e lindos petizes.../».

Mas os encalhos da vida são as más surpresas. Saem as 'sortes' nesse ano. Jorge Nuno

'Era menor e o presidente do Infesta teve de pedir à Federação autorização para ele jogar. Foi um bom defesa', recorda um compaignon de route

quinta do tio Armando, em S. Mamede, faz o gosto ao pé no Futebol Clube de Infesta. O presidente gosta do que vê e convida-o para jogar nos juniores. Mas ou tinha ajuda divina ou Maria Elisa não iria no paleio. A graça chega com a intervenção de padre Rebelo, sócio do clube. A mãe aceita, com a condição de que se aplique mais nos estudos. Está com 17 anos, não tem idade para entrar nos juniores. António Oliveira, hoje fotógrafo profissional, *compaignon de route* no campo pelado do Infesta, recorda-o: «Era menor e o presidente teve de pedir à Federação autorização para ele jogar. Foi um bom defesa».

Era outro mundo, o do futebol. Os presidentes estafavam as contas bancárias para sobreviverem. Ordenados, não havia. Apenas os prémios de vitória que não passavam de cinquenta escudos. Mas Jorge Nuno já tem a capacidade de improvisar que mais tarde o destacaria. Negociava-se a transferência de um atleta do Leixões para

estava virado para tudo menos para as lides militares. Não tinha nem grandes nem pequenas convicções políticas a não ser o facto de ter participado, porque sempre gostou de desafios e liberdade, no comício de Humberto Delgado em 1958. Mas a presença dos portugueses em África – a ele que era colega de Sá Carneiro no Almeida Garrett e que com ele aprendera o essencial – nada lhe dizia. Fez parte da pandilha burguesa, da extrema-direita à extrema-esquerda, que fez de tudo para desertar das fileiras. Um médico amigo da família dá-lhe a receita. «Com o meu peso e altura, tudo indicava que iria parar à Marinha. Ele aconselha-me: só te safas se emagreceres 17 quilos». Faltavam dois meses para a inspecção mas nesse dia, para espanto da mãe, o moço que até aí fora de muito alimento pede-lhe uma salada. «Não queria acreditar, mas a verdade é que com dieta e diuréticos cheguei aos 58 quilos».

Ganhara uma força indomável. Quando no

cocuruto alimenta uma ideia, nada o pára. A 7 de Junho, na inspecção sanitária, pesa-se. Transformara-se num dos seus heterónimos, passara dos 75 para os 58 quilos e, sentado, media noventa e quatro centímetros. Parece um gato de pano. Não traz proveito algum para o Exército Português que nem pensa duas vezes: «Isento por falta de robustez».

O primeiro emprego

Aos 19 anos, Jorge Nuno lá termina o liceu. Tem uma ideia exacta da realidade, não nascera para doutor. Encontra a saída num classificado d'*O Comércio do Porto* e, duas semanas depois, faz um brilharete nas provas de admissão ao Banco Português do Atlântico. «Num dos testes perguntavam como é que se atende um cliente. E eu escrevi: 'Com muita delicadeza, sem subserviência e transmitindo uma imagem de segurança do Banco'». Regressa a Cedofeita a saltitar, numa alegria de contagiar. O caso não é para menos: fora admitido na secção de letras, com um ordenado de 900 escudos. Quanto mais contas faz, mais rico se adivinha. Continua menino de mesada, roupa na cómoda e iguarias na mesa. A sua única despesa é mesmo o barbeiro, nove escudos sempre que as melenas lhe turvam a vista. No palacete, a mãe não sorri à façanha, mas deixa-se embarcar na ladainha do rapaz, que continua a jurar, um dia, fazer-se doutor.

Mas as benesses da vida afastam-no do canudo: o posto no BPA revela-se taluda. Para quem provou a rigidez das Caldinhas, pegar às dez e largar às seis é fortuna. Tem expediente. Ao cabo de cinco meses, passa a receber 1200 escudos. Artur Santos Silva, que na banca daria cartas, era então seu colega: «Era um excelente funcionário». Por essas e por outras, na hora de envergar a capa em Coimbra e engrossar as fileiras de Direito, o banco volta a subir-lhe a parada, desta feita para 1500 escudos. «Tinha uma vida santa, ganhava mais do que os professores, o que é que eu ia fazer para a universidade?». Elisa não estranha a escolha do filho, já entranhara que a menina dos seus olhos é o FC Porto. Baixa armas.

A obsessão de Jorge Nuno pelo clube é tal que, para não perder namoro, Manuela faz-se sócia. Queima os fins-de-semana nas Antas. «Tinha de ser, ele passava lá o tempo inteiro, era a única maneira de o ver». O estado febril do rapaz pega a atenção do presidente Afonso Pinto de Magalhães, que o estreia como vogal do hóquei em patins, secção que passaria a liderar, em 1962. Nos entretimentos, o funcionário do BPA não descuida o expediente, apesar de ter a ideia nos relvados. Até nas pausas para o almoço os malabarismos da bola domi- ➔



Pequenas grandes histórias de amor



“Margarida Rebelo Pinto escreve essencialmente sobre o amor, a vida e as relações, e disso nunca nos conseguimos cansar o suficiente. Fá-lo de uma forma completamente original, e com grande naturalidade.”

Starstyle Magazine - Holanda

OFICINA
DO LIVRO

www.oficinadolivro.pt

nam a conversa. João Mota, então preparador físico do grupo desportivo, ainda o recorda com a justiça de um retrato. Chegava ao restaurante com os papéis do banco na mão e aquele seu jeito de treinador de bancada: «Passava o almoço a fazer listas do plantel perfeito».

O casamento

O namoro com Manuela, esse, continua a correr conforme aos bons costumes. A rapariga tem pêlo na venta, tenta escapar do poço provinciano onde se afogam as meninas vocacionadas para o casamento e a procriação. Parte para a Alemanha, onde solidifica os estudos germânicos. Recorda: «Com o consentimento do meu pai, ele chegou a visitar-me. Mas com o passar do tempo as saudades tornaram-se terríveis». Cansada de sete anos de namoro, Manuela regressa com duas propostas de trabalho e a corte de uma importante empresa. «Tinham-me convidado para ficar lá, mas eu disse que queria casar e que só ia se o meu noivo também fosse. Aceitaram». Jorge Nuno pondera, mas no tempo de um fósforo conclui que não pode viver sem, ao domingo, assistir às disputas do Porto. Para a não



Manuela Carmona, a primeira mulher de Pinto da Costa

Em Abril, é com lágrimas nos olhos que o casal ampara o seu primeiro e único filho, Alexandre, menino muito frágil de saúde. Por esta altura, ao jeito de Midas, Jorge Nuno amealha proveitos na Bolsa. Monta uma sociedade com dois colegas do banco,

químicos na sua empresa, a Sarcol. O portista pouco se inquieta com o pulsar do mundo. Maio de 68, Primavera de Praga, nada riscam no seu diário. Para o mal e para o bem, empenhara a alma no futebol. Nesse Junho o Porto vence a Taça de Portugal. Pinto da Costa dá por bem empregue a viagem até ao Estádio Nacional e os 35 escudos do bilhete, nas costas do qual o treinador, José Maria Pedroto – com quem havia de formar uma dupla imparável – deixa o autógrafo.

O primeiro sucesso

Nas Antas, o seccionista soma e segue. À sua maneira, põe o hóquei no trilho certo. Estava o presidente Pinto de Magalhães decidido a dar o golpe de misericórdia na modalidade, quando Jorge Nuno, que se tornara mestre em paradas negociais, o atrai a uma emboscada. Em troca de um novo treinador e três jogadores, compromete-se a conquistar títulos. O banqueiro joga à defesa, apregoando que a bolsa das contratações não tilinta. Mas o guerrilheiro nada deixara ao acaso: os jogadores não reclamam ordenado, apenas emprego nos

Manuela, a primeira mulher, faz o balanço: 'Ele tinha o coração ao pé da boca, era generoso e honesto. De repente, virou os pés para a cabeça. O poder havia de o mudar'

desiludir, ilude-a com novo aumento no banco, garantia de enlace. A 6 de Abril de 1964, convicto de que com ela alcançara uma felicidade sem alterações, sobe ao altar.

Corre o ano de 1967. Os amores não o afastam das Antas e, em Fevereiro, cai-lhe no colo a missão de salvar o boxe. O desafio trava-se em ringues onde mal se respira, tal o entusiasmo da multidão. Tempos áureos. Reinaldo Teles, rapaz que amargara no mundo operário e faminto do Porto, era uma estrela. Em dois tempos, o ribeirinho descobre o líder: «Como seccionista era o maior!». Com a correria dos anos, o *boxeur* furaria as barreiras de classe até chegar a um entendimento superior com Jorge Nuno. É uma amizade casta, parida no ringue e no rescaldo de peripécias vividas em comum. Recordam um combate a que assistiram juntos, em que entrava o famoso Pirata. Este começara por dar uma sova ao adversário, mas acabara tão KO que, ao soar do gongo, perdera-se numa golfada encarnada. «Xi, rebentou-lhe a úlcera!», assustou-se Reinaldo. «Qual quê, é vinho!», tranquilizou-o Jorge Nuno. E era.

Pinto da Costa divide-se entre as angústias do ringue e as dores tortas do parto de Manuela.

entrando cada um com 100 contos. No final do ano o lucro ultrapassa os 300 e ele, que não vai em castelos de vento, investe o ganho na matriz predial de um apartamento em São Mamede. Sempre que pode, arrasta a mulher e o filho pelas estradas de Portugal. Chegam a sair do Porto às quatro da madrugada para ver o clube triunfar em Évora. Viagens atribuladas, com Dolly, a cadela, a vomitar em cada curva e Alexandre a chorar por mama. Mas não há trabalhos que lhes ensombrem a alegria. Certo Verão, depois de um jogo em Leiria, assentam arraiais em São Pedro de Moel. À noite, Manuela põe as fraldas do miúdo de molho na banheira da pensão, retira-as pela manhã, a tempo de as estender ao sol do pinhal.

Jorge Nuno, que ainda não deitara a sorte às cartas, esforça-se por ter uma vida regular, mas não passa de um ponteiro numa bússola escangalhada. Não há emprego que o preencha, aceita novos desafios não pela fortuna mas para se esquivar a decifrar o futuro. Assis Magalhães, amigo do peito desde os tempos das Caldinhas, percebe nele o génio do verbo e convida-o para vendedor de produtos

feudos do rico presidente. «Disse-lhe que o guarda-redes Castro podia ir para a contabilidade da TELVI, o Ricardo para o Banco Pinto de Magalhães e o José Fernandes para porteiro. O presidente ficou estupefacto, sobretudo depois de confirmar que as vagas existiam mesmo!».

A sorte estava lançada, já nada podia parar a ascensão do rapaz que prepara o coração para empreendimentos mais arrojados. Em 1969, dá o primeiro passo da longa maratona da sua vida, ao aceitar o convite para director das modalidades amadoras. Mantém-se no pelouro até o banqueiro fechar os cordões à bolsa e deixar a presidência. O regime está na corda bamba, os militares andam com a guerra atravessada. Pela calada, faz-se a mudança. Abril anuncia-se e, com a revolução, o país ficaria do avesso. Até o mundo do futebol não voltaria a ser o mesmo. Manuela, a mulher, ágil na percepção do futuro, faz o balanço: «Ele tinha o coração ao pé da boca, era generoso e honesto. De repente, virou os pés para a cabeça. O poder havia de o mudar».

No próximo número: a glória, o poder, os inimigos e as mulheres.

LABILE-015